

Umbanda

Umbanda avança. Agora chegou a Nova Iorque, pelas mãos do bancário brasileiro Josué dos Santos, que reúne, na sua casa de Queens, adeptos locais para o culto respectivo. O lugar dos encontros desse grupo de fiéis chama-se Templo de Ogum Beira-Mar, lembrando talvez as praias formosas de Copacabana. Um terreiro, segundo dizem, igual a qualquer outro de macumba carioca. E lá estão nova-iorquinos, brasileiros, cubanos, portoriquenhos, quantos mais ouvindo os toques do ritual e pedindo pelas necessidades que são sempre muitas neste tumultuoso mundo de hoje. Saravá...

Salvador será sede de festival sobre a cultura negra

SALVADOR — A Deputada californiana Maxine Waters, uma das líderes dos movimentos de defesa dos direitos civis nos Estados Unidos, chefiou ontem uma comissão de antropólogos, psicólogos e artistas negros americanos, que esteve com o prefeito Mário Kertesz, em busca de apoio municipal para o festival de cultura negra que deverá se realizar no próximo ano nesta capital.

Vinte negros com atuação destacada em diversos setores de atividades culturais nos Estados Unidos estão reunidos em Salvador, desde o início desta semana, com representantes baianos, discutindo a proposta e programação do festival, que conta com apoio da Bahia-Tursa, mas que depende ainda de aprovação federal.

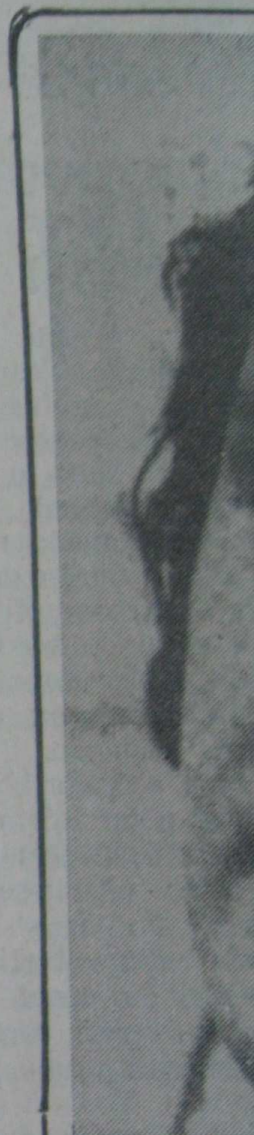
Todos os integrantes do grupo são interessados no estudo dos efeitos provocados sobre a cultura de vários países pelo fenômeno que qualificam de diáspora dos negros africanos. Segundo a deputada Maxine Waters, a proposta do futuro festival que se chamaria "Return to Bahia", seria a de entender os efeitos da cultura africana sobre a cultura baiana e sua influência sobre a América do Norte nos mais diferentes setores".

Nos debates que estão se verificando em Salvador, a socióloga da Universidade Federal da Bahia, sra. Maria Brandão, advertiu que se deve ter o máximo de cuidado no sentido de não permitir que esse festival "degrade os brasileiros ou os norte-americanos. Não podemos traír nossa identidade, quanto atualmente já se tenta explorar a transformar numa mercadoria uma cultura nacional. Assim, temos de ver formas de defesa contra esse processo de prostituição da cultura brasileira".

Também o ator Bemvindo Serqueira, que participa dos debates, observou que "o povo brasileiro tem sido constantemente explorado, desde a colonização portuguesa e através dos séculos por ingleses, americanos, japoneses e multinacionais".

As críticas foram entendidas pelos norte-americanos, mas a deputada Maxine Waters explicou: "nós somos filhos e filhas de escravos".

O grupo norte-americano está no Brasil a convite do governo brasileiro "para um intercâmbio de idéias com a Bahia, com benefícios mútuos", e pelo menos por enquanto não conta com qualquer patrocinador. "Somos apenas um grupo voluntário da comunidade negra", explicaram seus integrantes.



Eduar

D.

me

BRASIL

Ninguém segurava os capoeiras. Eles se apresentam hoje

"Espetáculo de quase todos os dias. Não havia governador nem comandante das armas que desse fim àquilo". Eram os capoeiras, que saíam à frente das bandas de música do Recife, no final do século passado, para defendê-las. "A capoeira também é nossa", sua marca está na nossa dança, principalmente no frevo. E a Fundarpe pretende trazê-la de volta — claro, em forma de arte — a partir de hoje, na Casa da Cultura, dentro do I Festival Fracônio de Pernambuco.

"A Capoeira Também é Nossa", o espetáculo será apresentado a partir das 19 horas, ao lado da Bandinha Caramuru e do passista Egidio, para que o Recifense saiba que esta antiga forma de luta, hoje também uma forma de dança, faz parte de nossa cultura e, portanto, deve ser lembrada, conhecida e cultivada.

"Sabese uma banda de música para uma parada ou uma festa e lá estariam, infalíveis os capoeiras à frente, gingando, piruteando, manobrando cacetes e exibindo navalhas. Faziam passos complicados, dirigiam pilhérias, soltavam assovios agudíssimos, iam de provocação em provocação até que o rolo explodia, correndo sangue muito e ficando defuntos pela rua. Estes são os bellicosos capoeiras descritos por Mário Sette, no livro "Maxambomba e Maracatus".

A folclorista Elza Loureiro iniciou, há pouco, uma pesquisa sobre os capoeiras e está decidida através da Fundarpe, a divulgar a capoeira para que retome o seu lugar de onde foi banida na época da República. A capoeira criou raízes aqui no Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro. Era uma forma de luta trazida pelos escravos africanos, que a praticavam às escondidas pois não era permitida. Originalmente não era acompanhada de música, mas para confundir os senhores de engenho, lançaram mão do berimbau, para que pensassem que se tratava de alguma dança.

Com o tempo, os sangrentos capoeiras foram usados como capangas dos figurões do Recife, assim como defendiam os brios das bandas, entre as quais sempre houve rivalidades. Eles segulam à frente e quando as bandas se encontravam em alguma esquina, o pau "cantava". Não havia quem pudesse com eles e, se por acaso fossem presos sob uma carga de cavalaria ou por um cerco de tropa, sempre havia políticos que os punham em liberdade outra vez.

O extermínio dos capoeiras começou um pouco antes da proclamação da República, diz Elza Loureiro, ocasionando o êxodo para a corte, no Rio de Janeiro, em busca de trabalho, pois estava em declínio a cultura do fumo e do algodão na Bahia. No Rio, eles buscavam principalmente trabalho no porto, pois, escravos libertados, não tinham oportunidades na sociedade, restando-lhes como única opção o trabalho braçal.

Banidos do Recife os capoeiras, seus passos foram sendo assimilados nas festas de Reis em Salvador e incorporados ao samba, no Rio de Janeiro. Há quem afirme que na Bahia a capoeira sobreviveu porque a ela foi acrescentada a música, com o berimbau dos angolezes. Jorge Amado diz assim: "A capoeira, para sobreviver, teve de ser ao mesmo tempo luta e balé. E que balé".

Elza Loureiro destaca que, virando dança, a capoeira, unindo-se ao berimbau, garantiu a sobrevivência, tornando-se maneirosa, virando malabarismo. Perdendo a agressividade, não dispensou o berimbau nem o pandeiro. "Aqui, a capoeira não juntou os instrumentos, e talvez por isto não sobreviveu. Na Bahia ela foi preservada ao som do berimbau e nessa transformação tornou-se bem brasileira, porque se alterou".

Os nomes mais famosos da capoeira no Recife foram Canhoto, Pé de Pilão, Bertinho de Lucas, Iô-Iô, Sabe-tudo, Apolônio da Capunga, José Siriri e o último capoeira, Nascimento Grande.

"A capoeira está na nossa dança, no cavalo-marinho, no bumba-meu-boi e muito principalmente no passo do frevo, diz Elza. "Seria interessante que as pessoas interessadas em aprender uma forma de luta deixassem de lado o karatê, o judô e outras formas importadas e passassem a usar essa luta bem nossa, a capoeira".

Página de

RUBEM BRAGA



Mercado de Escravos

Falei outro dia do livro *Recuerdos del Passado* do chileno Vicente Pérez Rosales. O autor conheceu o Rio de Janeiro em circunstâncias muito especiais. Um tal Lord Spencer, comandante da fragata *Owen-Gledower*, ofereceu-se ao pai de nosso autor (que a esta altura era um rapazinho demasiado endiabrado de 14 anos) para levar o menino em uma viagem de ida e volta à Europa. Ele aprenderia artes marítimas e inglês. Não se sabe porque, quando a fragata chegou ao Rio, a caminho da Europa, Lord Spencer mandou desembarcar o rapaz na Praia Grande, hoje Niterói. Um oficial apiedou-se dele e antes do barco sair deu-lhe algum dinheiro e o recomendou a algumas pessoas. Vicente viveu dois anos no Rio, na casa do Cônsul do Chile, sendo levado de volta a Santiago aos cuidados de Maria Graham.

Rosales conta como era um mercado de escravos: "os compradores procediam a um minucioso exame de cada negro que desejavam comprar. Mandava-o ficar de pé como uma estátua e o examinava da cabeça aos pés.

Fazia-o curvar-se, levantar pesos ou sustê-los com os braços estendidos para calcular sua força muscular; apertava-lhe o peito e a cintura para ver se sofria de alguma dor, e mandava-o abrir a boca para examinar sua dentadura; submetia-o, enfim, ao exame a que no Chile só submetemos um cavalo, antes de ajustar seu preço".

Viu negros serem castigados na rua "sem que os passantes se impressionassem mais com isso do que um transeunte de Santiago se impressiona quando vê um carroceiro brutal castigar uma cavalgadura debilitada".

Conta um fato que presenciou um dia em que almoçava na casa do Sr. João Santiago Barros. "Tratava-se de um presente que esse senhor queria fazer a um seu amigo de quem ouvira dizer que precisava de uma negrinha para a sua senhora. Já havia comprado uma recém-desembarcada, e que teria dezesseis anos de idade. Para estar mais seguro de que o presente era digno da pessoa a quem o destinava, fez vir à sala do jantar a negrinha, muito bem lavada e penteada, envolta apenas

em um lençol; e na presença de todos mandou que retirasse o lençol, sem se lembrar sequer de que eu e um filho seu estávamos presentes! A infeliz criatura, que mais parecia uma estátua de ébano que um ser animado, depois de merecer a aprovação de todos foi mandada a seu destino".

Conta Rosales os episódios de nossa Independência, fala das belezas do Rio e de sua volta ao Chile. Em 1825, novamente passa pelo Rio, a caminho da França, e não acha a cidade mudada; conta com asco o hábito de esvaziar nas praias o conteúdo dos famosos "tigres", dizendo que as praias mais bonitas eram as que tinham pior cheiro. Fala também do coro de eunucos na Capela Imperial, vindos da Itália. "Tinham aqueles infelizes coristas voz de mulher, cara de criança e abdome de elefante. Seriam mais felizes que os outros homens? Quem poderia dizê-lo?"

E com esta filosófica pergunta encerra o capítulo dedicado à nossa sempre bela e sempre suja cidade...